

WINNICOTT: Uma História para Contar

Estou certa de que, enquanto estivermos aos cuidados dessa força de fé, aquilo que pareceu morto não estará morto, aquilo que pareceu perdido também não estará mais perdido, aquilo que alguns alegaram ser impossível tornou-se nitidamente possível, e a terra que está sem cultivo está apenas descansando – à espera de que a semente venturosa chegue com o vento (...). E ela chegará.

(Clarissa Pinkola Estés – O jardineiro que tinha fé).

Neste capítulo fazemos uma breve incursão na história pessoal de Winnicott seguida de apresentação da Sociedade Britânica de Psicanálise e posteriormente, da explanação sobre os debates científicos conhecidos como “As Controvérsias – Freud-Klein” que tiveram lugar na dita Sociedade.

Todos os temas têm como intuito principal desvelar para o leitor o contexto pessoal, político, teórico e clínico no qual o nosso autor desenvolveu-se e responder a algumas perguntas: de que modo o ambiente familiar em que Winnicott nasceu e viveu está relacionado àquilo que veio a construir em sua obra profissional? Olhando retrospectivamente, podemos enxergar passagens na vida dele, nas quais algumas características suas já se fazem presentes e que vamos mais tarde, vê-las desdobradas em postulações teóricas e clínicas, conforme destacaremos. Por outro lado, quais foram as origens teóricas nas quais Winnicott se baseou? Quais fontes em que bebeu? E porquê se deu o afastamento cada vez maior da mestra, Melanie Klein? Mas, aqui já estaremos entrando no tema do capítulo segundo, o que não é nosso propósito agora.

Então, vejamos a seguir.

1.1

Vida e Obra: Impossível Efetuar uma Separação

Ao pretendermos conhecer e nos aprofundar na obra de Winnicott, nos encontraremos, de imediato, imersos num emaranhado de idéias, que, aparentemente, não têm início, meio e fim. De fato, Winnicott jamais pretendeu

sistematizar suas construções teóricas e, muito menos, criar uma escola “winnicottiana”. Ele era francamente contrário a “ismos” – winnicottianismo, kleinianismo (Winnicott, 1990, p.33).

O modo informal com que fala de suas observações, construções teóricas, no entanto, mascara a complexidade que ali se esconde, considerando-se que sua obra traz contribuições inéditas à psicanálise e uma rede conceitual bastante profunda.

Não é incomum ouvirmos definições sobre Winnicott que apontem para sua capacidade de ser tão somente ele mesmo e a influência que seu modo de ser acarreta sobre seu estilo de trabalhar e escrever suas idéias.

“(…) na obra de winnicott (…) é impossível separar as idéias do homem. Ele não pode ser colocado sob diferentes rótulos: era homem feito de um só pedaço” (Davis, 1982, p.15).

Essa citação de Davis nos é importante porque demonstra um dos pontos centrais do pensamento de Winnicott: a importância que a tendência à integração ocupa na sua obra. Ou ainda, homem feito de um só pedaço aludiria justamente à sua visão do humano como ser onde a integralidade é uma tônica central.

Uma das características mais marcantes de sua personalidade que influenciou sua obra era o traço de esperança e prazer com que se relacionava com a vida, uma experiência pessoal de que a vida vale a pena. Mesmo assim ele tinha plena consciência das dificuldades inerentes à vida para qualquer ser humano, desde o princípio e, segundo Clare Winnicott

“[ele não vivia] num estado de exaltação (...) [e] com frequência achava dura a vida e podia ficar desanimado, deprimido e muito zangado, mas dando-lhe tempo, saía disso e abrangia essas experiências à sua própria maneira (...)” (1994, p.03)

Para enfrentar estas dificuldades, superá-las e atingir o estado de confiança básica na vida e nas relações objetais, é que Winnicott acreditava na importância do ambiente facilitador, ou seja, a iniciação do bebê a partir do nascimento dentro de um contexto passível de compreender as suas necessidades precoces e correspondê-las. É a partir do ‘holding’ fornecido pelo cuidado materno no contexto do ambiente suficientemente bom que o ser humano poderá experimentar

a ‘continuidade de ser’. O ambiente suficientemente bom é aquele que coloca em andamento o processo de maturação, que inclui a tendência inata à integração*, que levará a busca constante e confiante da independência emocional e física e ainda, que possibilitará que cada indivíduo possa dar uma contribuição positiva à sociedade.

Provavelmente estas crenças eram intrínsecas e resultado também de sua própria história de vida, que, ao que parece teve início num ambiente suficientemente bom.

Donald Woods Winnicott (1896-1971) nasceu em Plymouth (Devon), um porto a sudoeste da Grã-Bretanha, longe em distância, nos costumes e tradições de Londres.

Pelo que se sabe através da descrição de Clare Winnicott,

“o lar dos Winnicott era grande e movimentado, com muita atividade, havia espaço para todos na grande casa e jardim e não faltava dinheiro. (...) e todos tinham um grande senso de humor.[Ele] não teve dúvidas de que era amado e experimentou, no lar, uma segurança que podia ter como evidente” (1994, p.04).

Winnicott tinha duas irmãs, cinco e seis anos mais velhas que ele. Era o único menino, mas teve muitos companheiros do mesmo sexo para as brincadeiras, pois seus tios moravam na casa em frente (o tio paterno) com cinco filhos: três meninos e duas meninas (ele era o mais novo de todas as crianças). As famílias viviam como se fossem uma só e, desta forma o ambiente era extremamente propício para que houvesse muita vitalidade e imaginação à solta e por todos os lados. “Era um lar onde lhe era dada a liberdade para desenvolver aquela confiança em si mesmo que lhe permitia confiar nos outros” (Davis, 1982, p.19). Veremos mais adiante de que forma este comentário está intimamente relacionado à teoria winnicottiana. Por hora, basta percebermos como sinaliza a crença do autor estudado de que o ambiente fornece as bases do sentimento de confiança em si, que acarretará em confiança no outro. Voltando ao que comentávamos, ainda assim, segundo Clare Winnicott, ele se ressentia por não ter

* Este e outros conceitos (holding, continuidade de ser, processo de maturação) serão desenvolvidos ao longo do estudo.

tido tanta intimidade com a mãe e as irmãs devido à preocupação delas em não deixá-lo muito mimado. Isto não fez com que não se sentisse amado e não impediu que a comunicação na casa fluísse plena e vivazmente. Seus pais eram protestantes, não-conformistas – “nada era estabelecido ou absoluto”([1957]Khan, 2000, p.11). Ambos, bem como todos da família, exalavam um grande senso de humor e eram o centro da vida dos filhos. A mãe, de expressões afetuosas e fáceis, muito dinâmica e o pai, considerado de “alta inteligência, um comportamento digno e tranquilo e uma capacidade de julgamento respeitável”(Winnicott, C.,1994, p.04).

Aos treze anos Winnicott foi mandado para o internato e sobre isso comenta:

“um dia (...), quando (aos doze anos de idade) cheguei em casa para o almoço e disse “porcaria”, meu pai pareceu sentido como somente ele podia parecer, culpou minha mãe por não cuidar de que eu tivesse amigos apropriados e, a partir daquele momento, preparou-se para enviar-me para a escola interna (...), e ele estava com a razão: o menino que era o meu novo amigo não era bom e ele e eu poderíamos ter tido problemas se houvéssimos sido deixados a nós próprios”(Winnicott, C., 1994, p.06).

A importância desta passagem para ele residiu no fato de poder experimentar a força do pai e, mais uma vez, a sua própria vivência lhe serviu para que viesse a compreender os acontecimentos cruciais no desenvolvimento emocional, neste caso, a concepção de que o “pai estava lá para matar e ser morto” (*idem. ibidem*). Isso parece apontar para o atingimento de uma organização edípica bem sucedida. Segundo Winnicott, a ambivalência instaurada na mente do menino no período edípico, quando ele está apaixonado pela “esposa do pai”, revela o ódio em relação ao pai, aquele a quem também ama. É um processo doloroso, diz Winnicott, que, se percorrido sobre a base de uma relação bem estabelecida com os pais, firme o suficiente para que o drama se desenrole sem que os protagonistas tenham receio quanto ao valor daquelas relações para todos os envolvidos, poderá vir a ser bem sucedido. O pai, agora visto pela criança como pessoa total, poderá estabelecer o obstáculo que redundará na castração simbólica, o que é um resultado melhor do que o duelo de vida e morte, fantasiado pela criança neste

estado. Nesta circunstância, segundo o autor, o Complexo de Édipo representa um ganho em saúde (1954-67, p.67-8).

Foi, então, para Cambridge, estudar na Leys School. Na nova escola, adaptou-se imediatamente. Entrou para os escoteiros da escola e nas horas livres praticava muitos esportes, brincava, e no dormitório, à noite, lia em voz alta para os colegas. Fez muitos amigos. E, foi ali, que, aos dezesseis anos, a propósito de uma fratura na clavícula no campo dos esportes, decidiu-se por estudar medicina. Sua motivação para isto, apesar de ir contra as expectativas do pai, que gostaria que o filho assumisse os seus negócios, foi a sua conclusão a partir do ocorrido, de que dependeria dos médicos para o resto de sua vida e a única solução seria, ele mesmo, tornar-se médico. Como etapa preliminar à formação médica e, certamente, muito influenciado pelo conhecimento da obra de Darwin “A Origem das Espécies”, graduou-se antes em biologia pelo Jesus College, também em Cambridge (*idem*, p.08).

Os primeiros contatos com a obra de Darwin, como relata Davis (1982, p.27), aconteceram na adolescência e fascinaram Winnicott especialmente por descobrir através desta leitura uma nova possibilidade de estudar os seres vivos cientificamente sem, no entanto, ficar obrigado, segundo a tradição européia científica da época, a velar as lacunas decorrentes deste estudo, ou seja, a obrigar a realidade a se acomodar na teoria. Ao contrário, as lacunas deveriam ser registradas e conduziriam a novas pesquisas. Do ponto de vista histórico essa nova forma de ver a ciência criou condições para o estudo objetivo da natureza humana, definição do que se considerava ser psicologia na época. Ao apegar-se a possibilidade de registrar e pesquisar cientificamente as lacunas advindas de observação, bem como de intuição, abriu as portas da alma para a futura aproximação da psicanálise como método de estudo da natureza humana. Antes, porém, do encontro com a psicanálise, ainda sob estreita influência do método darwiniano de fazer ciência, já contraíra a semente por praticar uma forma de medicina “viva”, que levasse em conta as variáveis trazidas pela emoção, coisa que já havia percebido não ser possível realizar através da fisiologia que aprendera e que estava submetida a um sistema de pesquisa que procurava eliminar qualquer variável como as emoções do processo.

No seu primeiro ano de medicina eclodiu a primeira guerra mundial. Por ser estudante de medicina ele não foi convocado e, como as escolas de Cambridge foram transformadas em hospitais militares ele passou a ajudar nas enfermarias. Um amigo que o acompanhou pelo resto de suas vidas, com quem travou contato como paciente numa dessas ocasiões, em 1916, descreveu-o como aquele estudante de medicina, alegre e que cantava aos sábados na enfermaria canções engraçadas com sua voz de tenor. Por outro lado, como menciona Clare (1994, p.08), Donald sentia enorme pesar pelos vários amigos que perdeu logo no início da guerra e, por isso, não pode permanecer em Cambridge e voltou para Plymouth e candidatou-se, e foi aceito, como cirurgião estagiário de um *destróier*. Mais uma vez, apesar da gravidade das circunstâncias, fez muitos amigos e relatava divertidamente as brincadeiras que faziam com ele durante as refeições. Conforme veio a acontecer várias vezes em sua vida, vivia em uma situação original (um dos motivos das caçoadas) porque não era comum um filho de comerciante ir para a marinha. A maioria dos oficiais havia passado por escolas navais reais e eram originários de famílias com tradição naval. Nesse sentido, podemos pensar o quanto o homem Winnicott, na sua experiência concreta, vivia a possibilidade do novo, de uma certa plasticidade criativa.

Quanto à perda dos amigos na guerra Winnicott escreveu no texto inicial do que pretendia que viesse ser sua autobiografia intitulada “*Nada Menos que Tudo*”:

“(...) Eu estava vivo quando morri. Isso fora tudo o que havia pedido e o havia conseguido. (Isto me faz sentir horrível, porque tantos de meus amigos e contemporâneos morreram na I Guerra Mundial e nunca me liberei da impressão de que o fato de eu estar vivo é uma faceta de uma coisa só, da qual a morte deles pode ser vista como outras facetas: algum imenso cristal, um corpo com integridade e forma intrínseca em si)” (Winnicott, C, 1994, p.03).

A partir desta citação fica clara uma certa concepção de mundo regido por leis que o precedem. A idéia de “tudo” que aparece no título, e a concepção de integração como um princípio que rege os corpos, nos levam a pensar num sistema onde a integração situa-se como princípio e finalidade. Ou melhor, a integração como um *a priori* no sentido, de uma tendência, uma força que rege os

corpos e ao mesmo tempo uma finalidade, ou seja, um depois que deve ser “a boa” realização da tendência inicial.

Finalmente, ao final da guerra, Winnicott foi direto para o Saint Bartholomew's, em Londres, Hospital “onde ingressou nas linhas de frente, de sangue e coragem, da medicina das grandes cidades” (Grolnick, 1993, p.27). Foi a partir da experiência desta época que se interessou pelo trabalho com crianças e, além disso, foi quando aprendeu com um dos seus professores, Lorde Horder, o valor de uma anamnese anotada com precisão e a escuta ao paciente, ao invés de afogá-lo em perguntas (Winnicott, C. 1994, p.09). Completou seus estudos médicos em 1920 (Internet - winnicott.net, 03 de maio de 2004) e permaneceu no hospital por mais um ano.

Ao longo de sua formação naquele hospital caiu doente, com um abscesso do pulmão, e o episódio, que durou três meses, lhe rendeu várias reflexões teóricas no futuro. Sobre isso comentou com um amigo que foi visitá-lo, de um modo “intensamente divertido e interessado por achar-se perdido em uma multidão [que] todos os médicos deveriam, uma vez na vida ocupar um leito de hospital como paciente”(ibid.). O que nos chama a atenção nesta passagem é a importância de uma experiência vivida a partir de si. O médico, numa situação “ativa” diante do paciente, só pode ter a “vivência” do doente, na medida em que ocupou este lugar, em que foi alvo das vicissitudes da posição de paciente, a posição de receber cuidados e de estar em situação de dependência (como o bebê diante da mãe e a capacidade dela de “regredir” e atingir um estado empático, podendo ocupar o lugar daquele).

Grolnick (1993, p.27), estabelece a relação entre este episódio e o interesse de Winnicott na contratransferência. Podemos, ainda, perceber neste relato como o nosso autor já privilegiava o que viria a se tornar um método de pesquisa no futuro, a observação e a experiência como a base do conhecimento.

O seu interesse inicial em medicina recaía sobre a clínica geral e, trabalhando nesta especialidade pretendia trabalhar no campo. Corria o ano de 1919, Winnicott completara 23 anos e teve sua curiosidade despertada “ao perceber sua incapacidade de lembrar de seus sonhos”(Lins, 1997, p.13-22). Dois eventos ocorreram que modificaram para sempre os rumos pessoal e profissional que seguiria: encontrou numa livraria um livro de Oscar Pfister, um clérigo suíço

que obteve treinamento em psicanálise, e recebeu emprestado de um amigo outro livro, este do próprio Freud, sobre a interpretação dos sonhos. De imediato experimentou profunda afinidade com a matéria e deu-se conta de que precisaria manter-se em Londres se esperava iniciar seu processo de psicanálise pessoal. Foi Ernest Jones que o encaminhou para os cuidados profissionais de James Strachey, que foi seu analista por dez anos (Ferreira, 2003, p.65).

Um dado marcante para a formação do pensamento e da futura clínica de Winnicott foi o convívio constante com o meio artístico. Além de ter muitos artistas na sua família, todos envolvidos com música e, ele próprio, “[tocar] piano e [cantar] com voz de tenor” (Lins, 1997, p.13-22) tinha muitos amigos dessa área, inclusive sua primeira mulher, Alice Taylor. “Esses elementos de seu ambiente cultural aparecem, particularmente, na relação que estabelece entre ser criativo e sentir-se real” (*Ibid.*).

Tinha uma relação indireta com a política, jamais foi um ativista. No entanto, seu pai foi um bem sucedido comerciante com uma vida política bastante viva, e foi (o pai) prefeito da cidade por duas vezes. Essa experiência aparece no seu interesse em escrever artigos com temas sobre a democracia, liberdade relacionando-os com a teoria do desenvolvimento emocional do bebê. A família de Winnicott foi importante de diversas formas e isto se evidencia na sua obra no valor que conferiu às famílias na estruturação da personalidade da criança. O bom humor familiar também se revelou parte integrante da sua prática clínica.

Seu primeiro casamento aconteceu em 1923 e durou por 25 anos até 1948, pouco depois da morte de seu pai. “Aparentemente, sua esposa possuía uma grave perturbação de ordem psíquica” (Grolnick, 1993, p.28). Naquele mesmo ano (1923), contando 28 anos de idade (Winnicott, C. 1994, p.09), iniciou seu trabalho como consultor em medicina infantil, já que, naqueles dias ainda não existia a pediatria como especialidade, em dois hospitais: o Queen’s Hospital for Children e o Paddington Green Children’s Hospital, onde trabalhou por quarenta anos, e, em seus cálculos, atendeu e observou cerca de 60.000 pacientes (Mello Fº, 1989, p.20). Neste posto procurou sempre praticar uma medicina “viva”, no seu “Snack Bar Psiquiátrico” (como chamava sua clínica ali) (Grolnick, 1993, p.28) sempre buscando a possibilidade “de lidar com o todo, e de pensar na criança no seu contexto familiar e social” (Davis, 1982, p.27). Este modo de pensar evidenciava

o que depois veio a se tornar um dos grandes marcos de sua obra: a importância do ambiente externo para o desenvolvimento emocional do indivíduo humano.

A penicilina foi descoberta e isso acarretou na extirpação de diversas doenças comuns à época. Diante disto, Winnicott (*Ibid.*) teve oportunidade de observar as turbulências que ocorriam na vida de crianças fisicamente saudáveis, e apontava para a necessidade de não se deixar enganar por explicações de uma certa forma de fazer ciência, que implicava em velar os hiatos que não puderam ser ainda preenchidos pela prática. Este pensamento se devia a sua crença na natureza empírica da prática. Conforme diz Davis (1982, p.13) “[Winnicott acreditava ser] impossível falar a respeito da natureza humana sem a influência de sua própria história de vida e a de seu leitor (...)”. E mais adiante cita uma passagem do próprio Winnicott na ocasião de uma apresentação de um artigo para a Sociedade, que representou uma atitude ousada de sua parte, considerando a erudição da Sociedade nesta época:

“Não darei inicialmente uma revisão histórica e mostrarei o desenvolvimento das minhas idéias a partir das teorias dos outros, porque minha mente não funciona deste modo. O que acontece é que eu coleciono isto e aquilo, aqui e acolá, vinculo-me à minha experiência clínica, formo minhas próprias teorias e depois, no final, passo a me interessar em verificar o que eu roubei de quem. Talvez este método seja tão bom como qualquer outro”(*Idem*, p.21).

Na tradição dos ingleses, estes afeitos ao empirismo, “os fatos eram a realidade, e as teorias – o gaguejar humano que busca apreender os fatos” (Winnicott, (1958)[2000], p.11). Portanto, havia, predominantemente, a idéia de que a teoria não se confundia com os fatos, o que, de certa forma, manteria sujeito e objeto numa relação de suposta neutralidade. Sabendo que Freud, também um médico, concebeu a psicanálise a partir de sua insatisfação pelos resultados obtidos no tratamento da histeria e no método da hipnose, encontrou a ferramenta de que necessitava para estabelecer um elo entre aquilo que ele próprio observara

na prática médica e a biologia¹. Assim “encontrava a forma de conservar o artigo de fé que acreditava, podia o cientista trazer legitimamente para o seu trabalho – que existem leis que governam os fenômenos”(Davis, 1982, p.28). A psicanálise oferecia compreensão de fenômenos que a fisiologia não fora capaz de elucidar e tornava racional aquilo que parecia irracional. Deste modo, escreve,

“[A psicanálise] expande o território científico para abranger os fenômenos da personalidade humana, do sentimento humano e do conflito humano. Reivindica, pois, que a natureza humana pode ser examinada, e onde a ignorância é mostrada, a psicanálise pode-se dar ao luxo de esperar, e não necessita se permitir uma fuga para formulações supersticiosas” (*Idem Ibid.*).

O fato de se utilizar de um método empírico não significa que ele não percebesse o valor científico de organizar teoricamente suas observações. Ao contrário, além de achar de suma importância a ordenação do conhecimento na tentativa de se aproximar da verdade objetiva, sentia que esta necessidade derivava do impulso para uma independência pessoal.

Segundo Lins (1997, p.13-22), o método empírico possibilita a que as hipóteses sejam descartadas na medida em que não sejam verificadas nas evidências. O conhecimento que tem como base a experiência implica em um processo contínuo de aprendizagem, ou seja, é permitido errar e Winnicott dizia

¹ Em ‘Os Instintos e suas vicissitudes’ ([1915], 1974, p.137), Freud nos brinda dando uma versão clara do seu método de pesquisa. Ele diz: Ouvimos com frequência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos. De fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações. Tais idéias — que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência — são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. Devem, de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição; não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nítida de seu conteúdo. Enquanto permanecem nessa condição, chegamos a uma compreensão acerca de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas ao qual, de fato, foram impostas. Assim, rigorosamente falando, elas são da natureza das convenções — embora tudo dependa de não serem arbitrariamente escolhidas mas determinadas por terem relações significativas com o material empírico, relações que parecemos sentir antes de podermos reconhecê-las e determiná-las claramente. Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação, somos capazes de formular seus conceitos científicos básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem úteis e coerentes numa vasta área. Então, na realidade, talvez tenha chegado o momento de confiná-los em definições. O avanço do conhecimento, contudo, não tolera qualquer rigidez, inclusive em se tratando de definições. A física proporciona excelente ilustração da forma pela qual mesmo ‘conceitos básicos’, que tenham sido estabelecidos sob a forma de definições, estão sendo constantemente alterados em seu conteúdo.

que aprendia mais com os erros que cometia com os pacientes do que com os acertos. Ele considerava as idéias como tentativa de compreensão das suas observações e não tinha em mente a teoria como algo abrangente, generalizante. Ainda seguindo esta autora, Winnicott não poderia ser visto apenas como um empirista, mesmo destacando seu talento para a observação empírica. Encontramos caracterizando seu pensamento também um caráter intuitivo. Podemos compreender esta colocação através da declaração dada por Winnicott:

“Para fazer pesquisa é preciso ter idéias: há um ponto de partida subjetivo em todo processo de pesquisa. A objetividade surge mais tarde, através do trabalho planejado e da comparação entre as observações realizadas a partir de vários ângulos” (Winnicott, 1948, p.234).

Assim fica clara a consciência que ele tinha quanto ao problema da subjetividade do observador no sentido de que as próprias tendências internas do observador, a sua própria natureza humana interfere neste processo de busca da verdade objetiva (Davis, 1982, p.28- 9).

A Segunda Guerra mundial marcou definitivamente a carreira de Winnicott. E, mais uma vez ficou provado que a experiência prática constituía a base de suas construções teóricas. Davis (1982, p.33) é decisiva: não há dúvida, por exemplo, de que sua afirmação específica da tendência anti-social derivou, até certo ponto, de sua experiência com as crianças evacuadas durante a Guerra. Neste período de intensos conflitos as crianças foram mandadas das grandes cidades para outros lares, em outras paragens supostamente mais seguras. Winnicott fora designado como Psiquiatra Consultor do Plano de Evacuação Governamental numa área de recepção na Inglaterra (Winnicott, C. 1994, p.01)... Privação e Delinquência). Ficou responsável, como supervisor dos profissionais envolvidos, por lares de crianças que tinham necessidades especiais porque não se ajustavam aos lares comuns e nesta circunstância pode perceber o quanto as privações sofridas precocemente possuíam ligação indiscutível com o comportamento anti-social. Para ele tais comportamentos revelavam que estas crianças já eram originárias de lares desajustados e, sendo assim, poderiam sentir alívio por se distanciarem de situações intoleráveis que viviam em suas casas, mesmo no ambiente devastador da Guerra. Aquela nova circunstância podia significar para elas a oportunidade de, finalmente, receberem ajuda, conforme esclarecimento de Clare Winnicott

(1994, p. 01). A partir deste tipo de trabalho Winnicott percebeu a importância de incluir neste tipo de assistência aspectos de cuidados e manutenção. Nas palavras de Grolnick (1993, p.28) (...) ele se deu conta de como a interpretação precisa estar acompanhada de uma cuidadosa atenção ao ambiente e de quão importante eram o *holding*, o *handling* e um *setting* suficientemente bons, para que ocorresse um desenvolvimento normal, ou para que houvesse uma oportunidade para a correção de um desenvolvimento anormal.

Nesta época conheceu Clare Briton, futura Sr^a Winnicott. Ela trabalhava como assistente social psiquiátrica e administradora dos lares que acolhiam as crianças muito perturbadas e impossibilitadas de permanecerem nas casas de família comuns. Ela descreve ter observado que Winnicott jamais despediu-se de uma criança sem lhe dar algo para levar consigo – algo como um barquinho ou um leque de papel, com o qual estivera ele mesmo brincando (Winnicott, C.,1994). É bastante provável que tal atitude viesse a representar sua noção de objeto transicional.

Casou-se com Clare em 1951 e permaneceram casados até a morte dele, em 1971. O casamento dos dois é descrito (por eles próprios e pelos amigos que os frequentavam) como sendo rico de compartilhamentos, brincadeiras, cumplicidade e respeito mútuo à individualidade de cada um.

Em 1927, inicia a formação psicanalítica no Instituto de Psicanálise da Sociedade Britânica. Neste contexto, conforme destaca Lins(1997), ele experimentou mais uma vez ocupar um lugar incomum:

“Um pediatra em formação psicanalítica. Não resta dúvida que sua experiência como pediatra teve um grande impacto, tanto sobre sua teoria do desenvolvimento afetivo, como sobre sua prática analítica, cujo modelo do enquadramento não era o modelo do sonho mas a relação mãe-bebê. Da observação das mães com os bebês nasceu nele a convicção de que existe um processo natural do desenvolvimento que não deve ser interrompido, e essa convicção serviu de fundamento para sua teoria do self ” (p.13-22).

Como vemos, seu lugar incomum foi devido ao deslocamento da primazia do sonho como modelo para algo que já apontava menos para o intrapsíquico e mais para o ‘inter-relacional’: a relação mãe-bebê.

Finalmente, podemos destacar mediante tudo o que foi dito, alguns pontos que nos parecem relevantes e que servem de base para a construção conceitual

winnicottiana. Por exemplo, a mudança de paradigma psicanalítico – do objeto instintual, intrapsíquico, como o propulsor do processo de amadurecimento rumo a alteridade, para o ambiente cumprindo este papel, conforme Winnicott o caracteriza, bem como, o método de investigação a partir do qual chegou às suas conclusões teórico-clínicas.

Mais tarde, no período da segunda guerra mundial, a Sociedade Britânica de Psicanálise viveu um momento extremamente delicado, de muitas controvérsias, levando à necessidade dos integrantes da dita Sociedade, deixarem em evidência sua posição teórica e política. Nesta época, surgiu o chamado “Grupo de Independentes”, do qual Winnicott foi um dos expoentes.

1.2

A Sociedade Britânica ²

A morte de Sigmund Freud em 1939, acarretou em fortes disputas em torno do legado deixado por ele. A Sociedade Britânica de Psicanálise entrou numa era de polêmicas, período conhecido hoje como ‘Controvérsias’, devido, em especial, a divergências teóricas e técnicas entre Anna Freud e Melanie Klein, cada qual se considerando a herdeira legítima. Em paralelo, as diferenças fomentavam os conflitos originários das brigas internas pelo poder.

Em busca de estratégias que pudessem auxiliá-los a encontrar parâmetros e critérios científicos, a Sociedade deu início a um amplo processo de debates em torno da herança freudiana.

A divergência centrada nas postulações das duas psicanalistas gerou a instauração de um terceiro grupo, composto pela maioria da Sociedade, conhecido, inicialmente como o “Middle Group”, mais tarde intitulado o “Grupo dos Independentes Ingleses”, no qual Donald W. Winnicott obteve posição de destaque, conforme supracitado.

No contexto deste trabalho nos interessa particularmente os conflitos teóricos, que acabaram por levar o nosso autor a firmar sua posição, mesmo que isso o obrigasse a dissidências com aqueles com quem, antes, se identificava,

² Todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas pela autora. As passagens grifadas seguem o original, a não ser, quando indicado.

podemos dizer, no afeto, e em termos de idéias teóricas. Assim ocorreu com Melanie Klein, segundo dados a serem discutidos em breve.

Retrocederemos um pouco na história para uma melhor contextualização do que se passava na Sociedade minutos antes desse período.

Melanie Klein chegou à Sociedade Britânica, em 1926, depois de ter trilhado um longo e rico percurso dentro da psicanálise. Começou, em 1918, fazendo análise com Sandór Ferenczi, em Budapeste. Já aí demonstrou interesse e talento pelo tratamento infantil, recebendo amplo apoio de seu analista. Em 1921, já em Berlim, iniciou nova análise com Karl Abraham e interrompeu o processo ao final de 1924 devido a morte dele. Também ali, foi apoiada pelo novo analista em seus propósitos relativos a análise de crianças. Chegou à Britânica, por meio de Ernest Jones e, no ano seguinte, 1927, tornou-se membro da instituição em resultado da apresentação de um trabalho teórico naquela temática (King, 1979, p.282).

Neste período, havia grande interesse por parte dos psicanalistas ingleses sobre o desenvolvimento emocional infantil, e, desse modo, Klein, veiculadora dos novos ares vindos do continente, logo despertou sua aceitação. Além disso, Jones, fundador da Sociedade, em 1919, e, presidente da mesma, vinha de uma experiência frustrada à frente da extinta London Psycho-Analytical Society, e precisava de profissionais que demonstrassem capacidade de sistematizar idéias e que pretendessem representar a psicanálise, conforme as bases teóricas e técnicas estabelecidas pelo próprio Freud (Gillespie, 1979, p.278). As inovações apresentadas pela psicanalista pareceram semelhantes àquelas que, à época, o próprio Jones estava a perpetuar. King, ilustra bem esta passagem:

“Alguns dos pontos de vista e formulações teóricas apresentadas por Ernest Jones, as quais foram, em geral, aceitas na Sociedade Britânica, convergiam com algumas daquelas propostas por Melanie Klein. Entre elas estava a importância dos determinantes pré-genitais e inatos, além da influência do stress do ambiente externo, e seu papel vital na determinação das crenças e percepções da realidade” (1983, p.251).

A abordagem dos fenômenos pré-genitais, base das postulações teórico-clínicas kleinianas, consistiu em significativa inovação para a psicanálise, segundo os padrões da época. Golse (1998, p.65), aponta para este fator quando enuncia que, o bebê, investigado em Freud, não é aquele, fruto de uma metodologia da

observação direta, nem, tampouco, do contato com crianças. Na teoria freudiana, as elaborações teóricas relacionadas a esta fase do desenvolvimento são resultado da reconstrução do bebê no adulto³. Melanie Klein, pelo seu contato com crianças na clínica, pode apreender o bebê que se manifestava nas patologias da infância, além de ter se utilizado da observação direta de bebês. A investigação kleiniana a respeito da infância precoce foi o principal traço que atraiu Winnicott para esta escola. Como sabemos, a visada de sua obra dirige-se amplamente para os fenômenos da vida do bebê.

O final dos anos trinta, com a Segunda Grande Guerra no seu apogeu, obrigou muitos psicanalistas a buscarem refúgio em Londres. Dentre eles, a família Freud⁴.

Esta circunstância trouxe muitas conturbações para a vida societária, que já trazia em suas origens um ecletismo cultural e psicanalítico bem marcante. Muitos membros da Britânica tinham nacionalidades diferentes e, naturalmente, tradições culturais diferentes. Além do mais, desde 1919, quando passou a ser obrigatório o processo de psicanálise pessoal para os candidatos a psicanalista, tornou-se intenso o tráfego de Londres para a Hungria, Berlim e Viena. Os postulantes iam buscar análise com Ferenczi, Abraham e Freud, respectivamente. Sendo assim, carregavam na “própria pele”, as diferenças teóricas e técnicas de seus preceptores. É importante salientar que, mesmo diante de tanta diversidade no percurso pessoal e nos interesses profissionais, os ingleses se mantinham fiéis aos preceitos teórico-técnicos estabelecidos pela IPA⁵.

A diferença que mais se fez notar naqueles dias era resultado, exatamente, da vinda dos imigrantes, especialmente, os vienenses. Com a chegada de Anna Freud, as críticas às idéias de Melanie Klein, tornaram-se bem mais vigorosas.

³ A observação de Freud de seu filho de 18 meses, jogando e recolhendo, seguida e continuamente, um carretel, levando-o a aparecer e desaparecer (conhecida como ‘Fort-Da’), é a passagem mais famosa de Freud no que se refere à observação direta de um bebê. Neste episódio, ele debate a capacidade precária do bebê para reter internamente a imagem da mãe. Klein utiliza esta passagem e a desenvolve na sua obra – *A Psicanálise de Crianças* (1926).

⁴ Muito a contragosto Freud deixou Viena com a família, rumando para a Inglaterra, no início de 1939. Ao final daquele mesmo ano, veio a falecer, vítima de um câncer, com o qual lutava havia muitos anos.

⁵ O presidente da IPA (International Psycho-Analytical Association), Eitington, estabelecera os critérios vigentes, que consistiam numa série de procedimentos visando à formação/treinamento psicanalítico: curso teórico, psicanálise pessoal do candidato, psicanálise supervisionada dos casos acompanhados pelos candidatos e responsabilidade pelos processos de seleção e avaliação.

Apesar de Anna Freud interessar-se igualmente pelo tratamento de crianças, seus postulados diferiam essencialmente dos de Melanie Klein, que, já por volta dos anos quarenta, não tinha na Sociedade o mesmo lugar de relevo de outrora. O grupo de kleinianos tornara-se diminuto (Gillespie, 1979, p.274). Seus últimos trabalhos causaram polêmica e dissidências.

Os principais temas confrontados versavam sobre a psicanálise de crianças, o desenvolvimento das relações objetais, as divergências quanto ao instinto de morte, e, quanto a fantasia inconsciente (escrita com *ph*) em oposição a fantasia consciente (escrita com *f*)⁶. Com relação a este ponto vale um pequeno esclarecimento: com base em Roudinesco et Plons, podemos compreender esta necessidade dos kleinianos devido à grande relevância dada aos processos inconscientes na vida arcaica do indivíduo. Ao contrário, a corrente annafreudiana não levava em consideração a relação precoce com a mãe, enfocando a relação com o pai, daí a prioridade da psicanálise integrada à educação e voltada para a adaptação do ego à realidade, sobre a investigação do inconsciente primitivo (1944, p.259).

Com a entrada da Inglaterra na Guerra, vários membros da Sociedade Psicanalítica buscaram segurança no interior. Os estrangeiros ficaram impedidos de transitar livremente pelo país e permaneceram em Londres. Este cenário acabou por contribuir para que a manutenção das dissidências pois, como destacam King & Steiner (1991, p.30) houve momentos em que os grupos evacuados e os da cidade ficaram completamente sem possibilidade de se comunicar uns com os outros. Sendo assim, cada qual, continuava mais e mais, enraizados em suas origens (teóricas, políticas, culturais). Ao longo destes anos, os grupos da cidade mantiveram os encontros científicos iniciados desde a morte de Freud. Estas reuniões foram fielmente registradas em ata, de modo que os psicanalistas retirados pudessem vir a tomar ciência de seu conteúdo. Conforme explicam os autores, a tentativa de resolução dos conflitos só pode ser levado a cabo mediante o retorno dos integrantes da Sociedade, por volta de 1942. Ao

⁶ Segundo Roudinesco et Plons (1944, p.590) essa grafia foi estabelecida por Susan Isaacs, permanecendo utilizada mais pelos pós-kleinianos - *phantasy*. Os autores discutem a pertinência desta terminologia destacando que Freud, no alemão, utilizou-se apenas de uma palavra para designar dois usos distintos: a formação imaginária – conceito, da atividade imaginativa – atividade. Na tradução da obra para o inglês também manteve-se a utilização de uma só palavra para designar ambos destinos, neste caso, *fantasy*.

longo dos anos seguintes, tiveram lugar aquelas que se tornaram históricas, “As Controvérsias Freud-Klein”.

1.3

As ‘Controvérsias’ ou Língua Viva *versus* Língua Morta

Em 1946, a Sociedade Britânica estava tripartida. De um lado, os discípulos de Melanie Klein, do lado oposto estavam os annafreudianos e, entre os dois, o Grupo dos Independentes, onde se situava Winnicott e a maior parte dos membros da Britânica.

O Middle Group se caracterizava por focar a questão das relações objetais a partir de um viés próprio e, pela noção de que, aonde quer que recaísse o foco, esta discussão perpassaria por uma revisão da teoria freudiana das pulsões.

Melanie Klein considerava que as fantasias inconscientes (*phantasias*) operavam desde o nascimento e eram os representantes psíquicos dos instintos de vida e de morte. Para ela as crianças revelavam nas brincadeiras conteúdos inconscientes, que correspondiam a associação livre da psicanálise de adultos. Conforme assinala Golse, “de posse desta técnica[do jogo] ela volta às épocas mais arcaicas da vida psíquica do indivíduo, demonstrando a extrema precocidade dos processos” (1998, p.66).

Seus últimos trabalhos causaram polêmica e dissidências. Especialmente, conforme mencionamos, “Psicogênese dos Estados Maníaco-Depressivos”(1935) e “Luto e sua Relação com os Estados Maníaco-Depressivos”(1940). King (1983, p.252) esclarece que neste estudo Klein formulou pela primeira vez o seu conceito de posição depressiva e os conceitos de objeto total e parcial, bem como, descreveu o processo de desenvolvimento das relações objetais na criança e, ainda, o modo como estes processos influenciam no mundo interno da criança e seus objetos internos. Por último, estabeleceu a distinção entre a ansiedade paranóide e a depressiva.

Golse, remete-se a Hanna Segal afirmando que, é neste estudo que Melanie Klein estabelece de modo claro a relação entre os objetos parciais, o mecanismo de cisão –clivagem e a ansiedade persecutória, todos inseridos na posição esquizo-

paranóide. É de capital importância a nota de Golse sobre o mecanismo da clivagem:

“A clivagem é um dos primeiros mecanismos de defesa utilizado pelo ego contra a ansiedade e que, paradoxalmente, vai lhe permitir se organizar. A projeção que deriva da pulsão de morte e a introjeção do objeto bom estão igualmente a serviço deste objetivo primitivo”(1998, p.68).

Nesta declaração Golse parece falar que o amadurecimento emocional obedece a uma linha mestra, um propósito primitivo básico, uma tendência à integração. E, a cisão representa o meio pelo qual o ego, na sua imaturidade e precariedade, pode se defender do conflito entre instinto de vida e de morte. Pela clivagem o ego tanto pode afastar o objeto mau e negá-lo em sua existência, quanto, numa forma maníaca de defesa contra as ansiedades, investir na idealização do objeto bom e, assim, conseguir mantê-lo dentro de si, garantindo a manutenção da imagem do objeto bom dentro de si, controlando-o onipotentemente. A finalidade disto está em satisfazer de modo alucinatório a voracidade do bebê e manter um estado de gratificação, mesmo que temporariamente.

A partir daí, e com o já referido aumento de psicanalistas de Viena, vários daqueles que vinham apoiando-a, romperam com ela. Mesmo Ernest Jones, já não se comprometia em ficar do seu lado⁷.

Nesta época Winnicott ainda se considerava um kleiniano e chegou a utilizar em trabalho seu (Winnicott, 1935, *apud* King&Steiner, p.21) alguns dos conceitos formulados por ela.

Já Anna Freud, vinha de uma formação como professora e posterior ingresso na Sociedade de Viena. Ela não acreditava nas fantasias inconscientes se manifestando tão precocemente e, além disso, não achava possível que a criança estabelecesse a transferência com o analista porque, nesta etapa da vida, a realidade da dependência dos pais (objetos de amor originais) é ainda muito presente, e, não, produto de fantasia (*ph*).

⁷ King & Steiner, 1991, p.21-22, destacam que as principais críticas que recebeu dirigiam-se a utilização que deu às fantasias (*ph*), à pulsão de morte, à datação precoce do superego e o conceito de objeto interno. Jones resumiu as principais diferenças como estando centradas na precocidade do desenvolvimento da sexualidade, especialmente, na mulher, a gênese do superego e sua relação com o complexo de Édipo, o conceito de pulsão de morte e a técnica da análise de crianças.

Golse, esclarece este ponto:

“ Na neurose de transferência, a pessoa reatualiza no analista, afetos e fantasias pertencentes ao passado: relações com seus pais, complexo de Édipo, etc., ou, a criança está ainda na sua neurose infantil” (1998, p.66).

Deste modo, não se intentava atingir o inconsciente e o processo psicanalítico proposto por ela tinha cunho pedagógico, com a manutenção da influência da realidade (com a participação ativa dos pais), e a idéia de que o analista deveria ocupar a posição do ideal do ego para a criança, procurando reforçar o superego. Considerava ainda que os processos de mediação com a realidade postulados por Klein – cisão, introjeção, projeção - eram mecanismos muito sofisticados para o psiquismo de uma criança (Ferreira, 2003, p.15).

Além destas divergências, as duas também discordavam quanto ao estabelecimento do ego, do superego e do complexo de Édipo (Klein o trouxe para um período muito anterior).

No auge das controvérsias havia a preocupação a respeito de como as turbulências na Sociedade estavam interferindo no processo de formação dos candidatos em treinamento. O tema entrou na pauta das reuniões e resolveu-se, em prol de uma certa equivalência de influência e expansão das correntes teóricas representadas nos debates, que dentre as supervisões obrigatórias, na primeira o postulante escolheria o supervisor filiado a corrente teórica que lhe fosse simpática e, a segunda supervisão ficaria, necessariamente, sob a responsabilidade de algum membro do Grupo dos Independentes, conhecidos também como os ‘não-kleinianos’.

Os principais representantes desse Grupo eram: D.Winnicott, E.Jones, E.Sharpe, J.Strachey, J.Flugel, J.Rickman, J.Bowlby, M.Balint, M.Brierley, M.Khan, P.Heimann, R.Fairbairn, S.Payne.

Nosso interesse neste estudo recai no desenrolar das formulações winnicottianas referentes ao ambiente e à dependência, e, é somente enquanto vemos a relação que o Grupo dos Independentes tem com a trajetória dele, que consideramos útil a sua breve apresentação. Do mesmo modo, com relação às discussões teóricas das Controvérsias, em que procuramos distinguir os temas que serviram de base para o autor, seja na concordância ou na diferença.

Donald W. Winnicott, inicialmente ligado a Melanie Klein, era avesso a escolas e sistemas. E, principalmente, por não acreditar no instinto de morte, e por achar que Klein não dava peso suficiente a *determinação* do ambiente real no desenvolvimento emocional do bebê, acabou por desatar-se de sua filiação se afirmando em seus próprios métodos e teoria. Deixou de se intitular como kleiniano, e, assim, já demonstrava um dos aspectos mais importantes de sua personalidade e de sua obra: o gesto criativo. Em 17 de novembro de 1952, ele escreve a Melanie Klein:

“ A primeira coisa que tenho a dizer é que percebo como é irritante quando quero colocar em minhas próprias palavras *algo que se desenvolve a partir da minha própria evolução e da minha experiência analítica*. Isso é irritante porque suponho que todo mundo quer fazer a mesma coisa, e numa sociedade científica um de nossos objetivos é encontrar uma linguagem comum. Essa linguagem, porém, *deve ser mantida viva*, já que não há nada pior que uma linguagem morta. (...) Em segundo lugar, acho que em você há uma atitude equivalente ao meu desejo de dizer coisas a meu modo, isto é, *uma necessidade de que tudo seja reafirmado nos seus próprios termos*. (...) *Trata-se de um gesto criativo* e não posso estabelecer relacionamento algum através desse gesto se ninguém vier ao seu encontro” (1990, p.30)⁸.

Podemos, ainda, assinalar neste trecho da carta, especificamente, na última sentença, a presença de outra questão vital na obra de Winnicott: a importância do ambiente, do agente externo que precisa se aproximar do *self* verdadeiro para impulsionar o andamento do gesto espontâneo – o continuar-a-ser e tornar real a vivência interna.

De fato, o Grupo não defendia propriamente um corpo teórico e técnico estruturado que os representasse. Porém, tinham preocupações em comum, as quais centravam-se em torno da *instauração do sujeito* em relação com o objeto real, desenvolvimento emocional primitivo ou aquilo que tinha efeito nas etapas pré-genitais e dos aspectos ambientais determinantes ou facilitadores do amadurecimento (...). Vejamos a seguir:

“Seu [dos Independentes] ponto de vista conduz ao enunciado seguinte: os efeitos do ambiente sobre o indivíduo estão na origem dos traumatismos, conservados sob forma de lembranças congeladas ou dissociadas do núcleo central do eu da pessoa e de seu funcionamento.

⁸ Os grifos foram colocados pela autora.

(...) O modelo clássico [freudiano] continua a se aplicar aos conflitos que atingem a complexidade da estrutura edipiana. E, contudo, o que os Independentes procuram fazer admitir é que seu acréscimo teórico se aplica sobretudo às desordens do self que aparecem pela primeira vez antes desse estado” (Rayner, 1994, p.3 *apud* Ferreira, 2003, p.21).

Sob efeito da marca empirista, ao redor da qual eles se reuniam, e, na verdade, os ingleses de maneira geral, enfatizavam aquilo que era espacial, corporal, factual, o que fosse passível de mensuração, a experiência. Com frequência sofriam críticas por sua tendência ao ecletismo teórico, a falta de um espírito de sistematização, o que dava a parecer uma falta de bases teóricas sólidas.

Mas, apesar de empirista, Winnicott era também intuitivo, e considerava fundamental a sistematização dos achados teórico-clínicos, argumentando, inclusive, que este esforço relacionava-se ao impulso para a integração e independência⁹.

Lançando o foco de suas formulações para o processo de crescimento emocional primitivo, os autores pós-freudianos, que se confrontavam em sua prática clínica com desafios para levar a cabo o tratamento dos pacientes classificados como ‘limite’, antes considerados “inanalísáveis”, começaram a encontrar as repostas que faziam eco aos seus anseios clínicos.

Como resultado da grande produção científica que se verificou nessa época, segundo Bleichmar (1989), temos Melanie Klein como um dos representantes mais originais e que mais conceitos reelaborou, dentre os quais, as modificações quanto às fantasias inconscientes, quanto ao complexo de Édipo, às técnicas da análise de crianças, o narcisismo e, além destas, a modificação quanto a fase de surgimento do ego e do superego.

A partir do percurso traçado neste capítulo destacamos dois aspectos quanto à filiação de Winnicott à Klein, que consideramos relevantes. O primeiro aspecto a ser destacado, do qual é visível a adesão à mestra e seu concorde, é a importância dos aspectos primitivos na constituição do *eu*. O segundo aspecto, o

⁹ É provável que esta colocação derive da forma peculiar de Winnicott elaborar seus conceitos, suas noções, jamais dissociadas da experiência pessoal. Esta era a premissa que, para ele, valorava uma investigação. Sendo assim, compreendemos que ao processo de sistematização de idéias/experiências, correspondesse um movimento de organização interna, rumo à independência.

qual rompe com a visão kleiniana e atesta sua divergência, é a influência decisiva do ambiente no desenvolvimento desses aspectos arcaicos. É justamente sobre esse último aspecto que nos debruçaremos no próximo capítulo.